

30-09-2022

A BOCA ARMADA

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Outro dia, na manhã seca de Goiânia, fiz um pedido de pão com ovo na padaria próxima à minha casa. A moça que me atendeu, de rosto simples e olhar distante, ansiosa e rarefeita, me recebeu de forma desconcentrada. Repeti o pedido, ao que ela, automática e enfurecida, estatelou os olhos e com sina de raiva no rosto, ergueu-me a voz.

Um frentista de posto de gasolina repetiu, na mesma semana, o tom reativo de agressividade. Ele, um senhor de pouco mais de 40 anos de idade, despenteado e com as mãos cerradas, numa fonética ríspida e volumosa, ao invés de me dar o bom dia universal, me recebeu com fúria e impaciência: “- o que o senhor quer, diga logo!”. Uma amiga de trabalho me narrou que na universidade a senha do grito ecoa corriqueiramente. Em conversa com amigos e amigas sobre esses tristes episódios, recebi deles pronunciamentos que relatam semelhantes atitudes em várias situações e locais. Percebi, então, que o Brasil está com a boca armada. Não só crescem no país os clubes de tiros, a venda de armas, o feminicídio, mas os revólveres verbais, inclusive na boca de trabalhadores e trabalhadoras simples, oprimidos, desalentados. E também na boca de gente que de maneira dissimulada se pronuncia contra a violência, mas não faz nada contra a desigualdade social, contra a fome, contra os monopólios.

Aliás, jorram atualmente, oriundas do pensamento crítico, considerações que revelam a intoxicação do espaço público, da comunicação e da banalização da ética a partir da mediação das redes moduláveis que, conforme destacou Eugênio Bucci (*Superindústria do Imaginário*), promovem a extração do olhar transformando-o em mercadoria. A exposição narcísica de fotos e de mensagens aparentemente inocentes nas plataformas cumprem um papel: efetivar a maior monopolização de capitais da história humana.

Tenho pensado, a partir de leituras e da experiência exercida na rua, nas padarias e no trabalho, que o bolsonarismo autorizou e motivou o que já constava na alma brasileira: a violência. Essa acontece de muitas formas, inclusive com olhares cheios de rifles, com ameaças gestuais, com reações intrépidas de pares. Com revólveres verbais. Como se sabe, os fracos usam a violência porque não suportam a democracia. Os fracos não suportam o diálogo.

O grito da moça da padaria direcionado a mim, me compeliu a enfrentá-lo fora do seu padrão. Eu o enfrentei com silêncio e com o rosto bom. Não queria ceder ao seu código. Mas depois saí triste, consciente que a sua boca armada, como a do frentista, tem uma origem histórica genética: falava por ela - e por ele, os coronéis do açúcar; os escravocratas do império; os oligarcas grileiros;

os exterminadores de etnias indígenas; os latifundiários que assolam rios, contaminam o ar, envenenam alimentos. Foi fácil perceber também que a trabalhadora da padaria e o frentista - e tantos outros e outras - que, possivelmente, ganham menos de um salário mínimo mensal ou apenas um salário mínimo, certamente com deficiência na formação escolar, têm identificação com o seu alzoço histórico.

Essa identificação, autorizada e atualizada no atual contexto, requer uma leitura que deve ultrapassar o comando bolsonarista.

Não foi ele que inventou a violência. Ela é um extrato fundo do país. Ele apenas a replica, cumprindo um papel decisivo: o de pactuar, na atualidade, com as forças atávicas do país para que a subjetividade castradora e a desigualdade social se perpetuem.

O grito e a vermelhidão raivosa dos meus personagens, além de se efetivarem pela autorização inconsciente a que se reporta Adorno lendo Freud no livro “*A Formação da Personalidade Autoritária*”, dizem respeito à cultura brasileira, ou às culturas brasileiras, como mencionou o mestre Alfredo Bosi. Esse é o problema mais grave, pois o belicismo transformado em cultura, e a cultura codificada pela violência, normalizam o autoritarismo e o faz correr nas veias do tecido social inteiro. Daí, surge a emoção cega, a arrogância da alma. A desconfiança no Outro. Ceder-se à psiquê autoritária e se colocar na dependência de um pai mitológico, a partir de uma referência simbólica vulnerável, é algo que tem força de permanência.

Erich Fromm, no livro “*O medo à liberdade*”, destaca que quando o fascismo galgou o poder, “*não se acreditava que o homem pudesse exibir aquelas propensões para o mal, aquela ânsia de poder, o desprezo pelo ser humano*”. Não se acreditava também que gente simples, pessoas comuns, trabalhadores e trabalhadoras, fossem capazes de se voltarem contra os seus com tanta maldade, raiva, sentimento de revanche. Para quem não quer se entregar aos revólveres de aço e aos revólveres verbais o desafio é grande, pois está posto no país o clima bélico, a banalização do Outro, ou o que o professor Nilton José dos Reis Rocha (Faculdade de Informação e Comunicação, da Universidade Federal de Goiás), denomina “envenenamento simbólico”. Aliás, o mesmo professor, pessoa terna, criativa, lutadora e amorosa, num diálogo com Camus, nos sugeriu: “*dar nome errado às coisas aumenta a desgraça do mundo*”.

A despeito da beligerância estampada nas ruas e nas condutas das pessoas ao modo da reatividade agressiva, inclusive em alguns segmentos da esquerda (pelo menos a acadêmica), surge o grande desafio: não deixar o coração ser roubado. A congruência nefasta entre o armamento efetivo e as armas nas bocas das pessoas exige uma atenção com o Outro, com o país e conosco, pois haveremos de praticar outros modos de dizer e outros modos de relacionar. Haveremos de dar o nome certo às nossas intenções para a desgraça do mundo não aumentar. Ser coadjuvante da desgraça custa a perda do coração. Para os que querem a ternura, a solidariedade e amor, é necessário também desarmar as bocas. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.